

medicamentos para os respectivos tratamentos. Exames complementares e atendimento veterinário especializado (oncologia, oftalmologia, cirurgias e outros) foram disponibilizados no Hospital Veterinário da UFRPE. Os tutores recebiam materiais impressos e informações por meio de conversas e palestras sobre guarda responsável, manejo sanitário, manejo alimentar, controle populacional, importância da assistência médico-veterinária e profilaxia das principais zoonoses que ocorrem nas comunidades. No ano de 2015, houve 33 dias de funcionamento do projeto, nos quais foram realizados 517 atendimentos, sendo diagnosticadas zoonoses importantes para a saúde humana e animal, como leptospirose, esporotricose, dirofilariose, leishmaniose, enterites, além de dermatofitoses, endo/ectoparasitoses e sarnas. A implementação desse projeto de extensão contribuiu para a construção do conhecimento dos discentes e para o aperfeiçoamento de docentes e de profissionais por meio de pesquisa multidisciplinar e serviço prestado à população carente. Além disso, contribuiu com os serviços de saúde pública do município a partir da identificação de zoonoses, levantamento epidemiológico na área comunitária, tratamento dos animais doentes e encaminhamento dos tutores e familiares para o Núcleo de Atenção à Saúde da Família. Contribuiu ainda com a redução de abandonos e maus-tratos de animais nas comunidades e no *campus* Recife da UFRPE. O atendimento clínico gratuito mostrou-se de suma importância, visto que os tutores com condição econômica desfavorável relataram ter o atendimento do projeto como única alternativa ao abandono e ao sofrimento dos animais com problemas de saúde. A partir da conscientização realizada foram adotadas mudanças no manejo dos animais (imunização, desparasitação, alimentação) que, depois de um ano de projeto, redundaram na diminuição da casuística de viroses, dermatoses e traumas, e confirmaram a eficiência das ações educativas implementadas.

22 O PAPEL DO GATIL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO COMO INSTRUMENTO DE ENSINO, PESQUISA, EXTENSÃO E CONTROLE POPULACIONAL DE DOENÇAS EM GATOS ABANDONADOS NA INSTITUIÇÃO

TAVARES, M. H. B.¹; BARBIERI, L. S.²; OLIVEIRA DOS SANTOS, T.³; CUNHA, A. L. T.³; MOURA, R. T. D.³

¹ Graduanda em Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: mhelenabcc@gmail.com.

² Médica-veterinária autônoma.

³ Docente em Clínica Médica de Caninos e Felinos do Departamento de Medicina Veterinária (UFRPE).

Na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), o fluxo constante de animais no Hospital Veterinário favorece o abandono de cães e gatos de diferentes localidades do Recife e das comunidades circunvizinhas à UFRPE. São animais de idade, raça, sexo e doenças preexistentes diversas, sendo na sua maioria felinos em seus primeiros meses de vida e/ou portadores de doenças infecciosas. Inserido nesse contexto, o gatil da UFRPE, existente desde 1998 como idealização e projeto da docente da disciplina de Clínica Médica de Caninos e Felinos do Curso de Graduação em Medicina Veterinária, em 2013 tornou-se parte de um Programa Institucional voltado aos animais do *campus* Recife da UFRPE intitulado "Animus". O gatil tem o objetivo de reduzir a disseminação de zoonoses e a ocorrência de superpopulação; recuperar, castrar, vacinar contra raiva e direcionar esses animais para feiras de adoção (parcerias); e atuar ainda como instrumento para o ensino e para a pesquisa, além de também fazer um trabalho de extensão gratuito na orientação de manejo alimentar, higiênico, sanitário, comportamental e de enriquecimento ambiental em abrigos de gatos no Recife. Sendo um ambiente de alta rotatividade, um programa de manejo adequado é fundamental para: reduzir a carga de patógenos e

a disseminação de doenças infectocontagiosas e parasitárias entre os animais recolhidos no *campus* e as pessoas que frequentam esse ambiente (tratadores, docentes, discentes, pesquisadores e voluntários); prevenir surtos; controlar a procriação; reduzir o estresse e manter o bem-estar dos animais confinados e livres monitorados. O acesso ao gatil é restrito, a fim de reduzir o estresse provocado pela introdução de desconhecidos, tendo os discentes dia e hora específicos para práticas de clínica médica. A equipe envolvida possui conhecimento em manejo do coletivo e adota procedimentos protocolados pela coordenação do recinto. A higienização é efetuada duas ou mais vezes ao dia; bebedouros, comedouros e caixas de areia são desinfetados diariamente. Água e ração seca específica para gatos (sem corantes) oferecidas *ad libitum*, e ração úmida uma vez ao dia. Dejetos são conduzidos para fossas, e os de descarte são direcionados para lixo biológico. O enriquecimento ambiental reduz estresse e sedentarismo, e melhora a socialização. Filhotes e animais clinicamente doentes são mantidos em boxes distintos, e os debilitados, em gaiolas individuais para diagnóstico, protocolo específico do tratamento e registros. Animais clinicamente saudáveis convivem juntos em ambiente amplo com iluminação solar e proteção contra chuvas e ventos. Desparasitação interna e externa, corte das unhas, escovação, limpeza de ouvidos e exame clínico são efetuados periodicamente. As doenças mais frequentes são rinotraqueíte, calicivirose; dermatofitose, esporotricose, sarna notoédrica, sarna otodécica, pulicose, linxacariose, endoparasitoses e, em sequência, imunodeficiência (FIV), peritonite infecciosa (PIF) e leucemia (FeLV). Todos os animais comportamentalmente aptos são direcionados para as feiras de adoção (parcerias), e os inaptos passam, antes, por condicionamento. O gatil da UFRPE é fonte de produção científica e construção de conhecimento nas áreas de Medicina de Abrigo, do Coletivo e Preventiva para graduandos, pós-graduandos e profissionais; contribuindo de forma relevante para a prevenção de surtos de zoonoses, no controle populacional e garantido o bem-estar animal e da sociedade do município.

23 PERFIL COMPORTAMENTAL DO GATO DOMÉSTICO (*FELIS SILVESTRI CATUS*) SEM RAÇA DEFINIDA CRIADO EM ABRIGO NA RELAÇÃO SOCIAL COM O SER HUMANO

MOURA, R. T. D.¹; CUNHA, A. L. T.²; OLIVEIRA DOS SANTOS, T.³; TAVARES, M. H. B.³; BARBIERI, L. S.³; COELHO, M. C. O. C.⁴

¹ Docente em Clínica Médica de Caninos e Felinos do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: roseana.diniz@gmail.com

² Médica-veterinária autônoma.

³ Graduandas em Medicina Veterinária (UFRPE).

⁴ Docente em Clínica Cirúrgica do Departamento de Medicina Veterinária (UFRPE).

O laço que uniu o gato ao ser humano se deve principalmente à sua natureza predatória. Sugere-se que o gato tenha se autodomesticado quando chegou, colonizando abrigos humanos em busca de roedores na época do surgimento das sociedades agrícolas – de onze a dez mil anos atrás. Por serem ainda pouco compreendidos, principalmente em seu comportamento reprodutivo e social, têm sido vítimas de abandonos e maus-tratos em centros urbanos. Admirados, adorados ou odiados pelas pessoas, hoje são realidade no cotidiano de lares modernos – mais como companhia e terapia do que como predador. Essa convivência fez ressurgir uma relação antiga, que apesar de não tão bem compreendida tem beneficiado ambas as partes. Buscando entender melhor a relação social do gato doméstico com ser humano, este trabalho estudou uma população de gatos (*Felis s. catus*) sem raça

definida (263 animais) criados em abrigos (24) na região metropolitana do Recife, com idade e sexo variados, identificando traços comportamentais desses animais para a construção do “perfil comportamental do gato de abrigo” na relação social com pessoas conhecidas (pc) e desconhecidas (pd). A escolha de abrigos se deu por serem os locais de maior procura por adoções de gatos e por participarem de feiras de adoções periódicas por toda a cidade. Os resultados mostraram os traços “sociável” com 81,75% para pc e 72,62% para pd; “curioso” com 81,15% para pc e 81,54% para pd; “aprecia atenção” com 81,75% para pc e 69,20% para pd; e “se esfregar e carícias” com 81,0%; “gosta de colo e/ou braço” com 65,63%; “brincalhão” com 60,84% para pc e 56,87% para pd; “vocalização” com 26,24% para pc e 20,55% para pd; “agressividade” com 2,28% para pc e 2,69% para pd; e “insegurança” com 4,94% para pc e 17,87% para pd. Os resultados obtidos revelaram que o perfil comportamental de gatos de abrigo na relação social com seres humanos conhecidos e desconhecidos refere-se a animais muito sociais, dóceis e curiosos, que gostam muito de se esfregar em pessoas e de receber sua atenção, que aceitam colo e/ou braço, brincalhões, pouco vocais e raramente inseguros. Dessa forma, ficou comprovado que na população avaliada os gatos apresentam um perfil comportamental adequado ao convívio social com humanos, estando aptos aos programas de adoção animal.

24 PERFIL COMPORTAMENTAL DO GATO DOMÉSTICO (*FELIS SILVESTRIS CATUS*), SEM RAÇA DEFINIDA CRIADO EM ABRIGO, NA RELAÇÃO SOCIAL COM OUTROS GATOS

MOURA, R. T. D.¹; CUNHA, A. L. T.²; OLIVEIRA DOS SANTOS, T.³; BARBIERI, L. S.³; TAVARES, M. H. B.³; COELHO, M. C. O. C.⁴

¹ Docente em Clínica Médica de Caninos e Felinos do Departamento de Medicina Veterinária da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: roseana.diniz@gmail.com

² Médica-veterinária autônoma.

³ Graduandas em Medicina Veterinária da UFRPE.

⁴ Docente em Clínica Cirúrgica do Departamento de Medicina Veterinária (UFRPE).

Os gatos foram domesticados há pelo menos 9.500 anos, quando ser humano descobriu, com o surgimento das sociedades agrícolas, que poderiam ser utilizados para proteger as colheitas contra os roedores. A morfologia e a aptidão predatória herdadas de seus ancestrais felídeos permaneceram inalteradas por muitos séculos e, como consequência da pouca influência do ser humano em seu acasalamento seletivo, os gatos apresentam uma organização social muito semelhante à de seus antepassados. Por possuírem características físicas, comportamentais e de adaptabilidade que facilitam seu convívio em ambientes diversos rurais ou urbanos, os gatos têm encontrado maior aceitação como animal de estimação na vida moderna, embora também tenham sofrido abandonos e maus-tratos por serem pouco compreendidos. Dessa forma, entender melhor essa espécie tem sido uma necessidade crescente para o seu bem-estar e convívio bem-sucedido com a espécie humana. O trabalho estudou gatos domésticos (*Felis s. catus*) sem raça definida (263 animais) criados em abrigos (24) na região metropolitana do Recife, de ambos os sexos e idade variada, identificando seus traços comportamentais de modo a ser traçado seu “perfil comportamental” na relação social com outros gatos conhecidos (gc) e desconhecidos (gd). Os resultados exibiram para o escore muito/com frequência os traços comportamentais “sociável”, com 92,78% para gc e 80,92% para gd; “curioso”, com 84,23% para gc e 83,85% para gd; “aprecia deitar junto” com 80,61%, “aprecia carícias” com 82,76%, “brincalhão” com 53,99% para gc e 42,0% para gd; “vocalização” com

9,27% para gc e 8,54% para gd; “agressivo” com 1,52% para gc e 5,51% para gd; e “inseguro” com 3,04% para gc e 7,34% para gd. Os resultados obtidos revelaram que o perfil comportamental de gatos de abrigo na relação social com outros gatos incluiu animais muito sociáveis, dóceis, curiosos e autoconfiantes, que apreciam muito deitar juntos e receber carícias, brincalhões, e pouco vocais. Esses achados trazem informações relevantes sobre a capacidade de adaptação dos gatos de abrigos ao convívio em grupo, muitas vezes superpopulosos, e sem opções de escolhas; e onde, apesar do alto padrão de estresse esperado, eles buscam uma harmonia no convívio, que permite melhor grau de bem-estar animal do grupo.

25 CONSTRUÇÃO E USO DE INSTRUMENTOS DE ENRIQUECIMENTO AMBIENTAL COM MATERIAIS RECICLÁVEIS EM ABRIGO DE GATOS DOMÉSTICOS

BAPTISTA, R. I. A. A.¹; MOURA, F. M. L.¹; MOURA, R. T. D.²; BARBIERI, L. S.³; TAVARES, M. H. B.³; OLIVEIRA DOS SANTOS, T.³;

¹ Médicas-veterinárias da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: raissainva@yahoo.com.br

² Docente em Clínica Médica de Caninos e Felinos do Departamento de Medicina Veterinária (UFRPE).

³ Graduandas em Medicina Veterinária (UFRPE).

Devido aos graves e negativos impactos ambientais provocados pelas atividades humanas sobre o planeta, um dos maiores desafios dessa esfera é o desenvolvimento sustentável. A preocupação com as gerações futuras tem feito que a sociedade procure alternativas de retardar esse descarte, bem como transformar a matéria-prima em material biodegradável. Levando em conta esse panorama, a reciclagem de resíduos sólidos é uma das escolhas que contribuem para solução do problema – e uma das maneiras de reaproveitamento desse tipo de material é a confecção de brinquedos como instrumentos de enriquecimento ambiental (EA) para os animais. Eles podem ser efetuados com materiais que são facilmente descartados e encontrados, tais como garrafas PET, pneus, cordas, caixas de madeira e papelão. O EA é um conjunto de técnicas que modificam o ambiente físico e/ou social, melhorando a qualidade de vida do animal e proporcionando condições para suas necessidades etológicas, medida importante para o bem-estar de animais que vivem em ambientes restritos, como em abrigos de gatos, onde encontram-se vítimas de abandono e maus-tratos. As formas de enriquecer o ambiente e estimular o animal são diferenciadas em física, sensorial, cognitiva, social e alimentar. O trabalho objetivou mostrar a utilização de materiais recicláveis como instrumentos de EA (FEA), bem como sua recepção por gatos de abrigo. O estudo foi realizado em um abrigo de gatos domésticos, situado na região metropolitana do Recife, com população (101 animais) composta por fêmeas (n=59) e machos (n=42) sem raça definida. Para a confecção dos brinquedos, foram utilizadas nove garrafas PET e uma caixa de madeira, todos recolhidos do lixo doméstico. Com a garrafa PET foram criados dois tipos de brinquedos: as garrafas PET com bolinhas e as garrafas PET com ração. Cada brinquedo foi observado por um período de dois dias, das 10 às 18 horas, totalizando 16 horas de observação por brinquedo. As observações comportamentais de aproximação e interação dos animais com os instrumentos foram efetuadas pelo método *ad libitum* e registradas em planilhas específicas. A caixa de madeira foi bem aceita no abrigo, uma vez que os animais passaram a utilizá-la como dormitório, assim como local para brincadeiras. Com a garrafa PET com bolinhas plásticas, os animais interagiram 25 vezes. Além disso, foi notado que alguns animais tiveram dificuldade de interagir com esse instrumento, pois não compreenderam que o desafio era a retirada da bolinha de dentro da garrafa. De acordo com os registros, a garrafa PET